



CCB

21 E 22 FEV 25

STATIC SHOT + A FOLIA

CCN – BALLET DE LORRAINE

ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO

Temporada 2024/2025

Dança
Grande Auditório
Sexta, 20h00
Sábado, 19h00
M/6

STATIC SHOT

Concepção e coreografia **Maud Le Pladec**

Música **Pete Harden** e **Chloé Thévenin**

Conselhos sobre difusão sonora **Vicente Le Meur**

Luz Eric Soyer

Criação e execução de figurinos **Christelle Kocher – KOCHÉ,**

assistida por **Carles Urraca Serra – KOCHÉ**

Assistência de figurinos **Laure Mahéo**

Assistência de coreografia **Régis Badel**

Assistência de dramaturgia **Balduino Woehl**

Com a participação da **Secção de bordados do Colégio Lapie (Lunéville)**

Produção **CCN – Ballet de Lorraine**

Coprodução **CCNO d'Orléans**

Materiais / inspirações cinematográficas

Parris Goebel – *The Royal Family, Megacrew*

Busby Berkeley – *Varsity Show – Finale*

Tiller Girls of London in 1958 – *Clip de Demon, You are my high (le baiser)*

Koché Fall 2019, Koché Summer 2019, Apichatpong – *Cemetery of splendor*

Arthur Penn – *Miracle en Alabama*

Andrzej Zulawski – *Possession* com Isabelle Adjani

HOMECOMING um filme de **Beyoncé**

Bob Fosse – *Chorus lin,*

Maud Le Pladec – *Poetry*

Alain Corneau – *Série noire*

Claire Denis – *Beau travail*

Bob Fosse – *Sweet Charity*

Materiais dos bailarinos do CCN – Ballet de Lorraine

Inès Depauw, Matéo Lagièrre, Emilie Meeus, Céline Schoefs, Charles Dalerici

Duração aproximada: 25 min.

Foto de capa: a Folia © Laurent Philippe

«Entre um desfile de moda, o clubbing, o voguing, a dança jazz, ecos de musicais de Broadway e várias danças sociais, *Static Shot* explora o excesso dos corpos em movimento (e também o excesso de informação), a par do impacto dopamínico da música, aqui pela mão da dupla Chloé (Thévenin) & Pete Harden.»

Mariana Duarte, *Público*, 22 fevereiro 2024



Static Shot © Laurent Philippe

STATIC SHOT

Imagino um dispositivo cénico muito específico, situado entre a peça coreográfica, a instalação cénica e o dispositivo cinematográfico. A dramaturgia da peça, concebida como um bloco de corpos, imagens e sons, não terá princípio, meio ou fim. Como num clímax permanente, o grupo de bailarinos sustentará esse pico em conjunto, com a energia sempre a precisar de ser mantida no seu auge. Como prever, então, as questões da tensão, êxtase e prazer partilhados? E quanto ao relaxamento, respiração ou perda? E se o prazer se tornar motivo de tensão? A dinâmica da peça — que vai do *mezzo forte* ao *fortississimo* — fará com que esteja sempre num crescendo, convidando os espectadores a participar num êxtase sem fim.

Maud Le Pladec

Maud Le Pladec

Após estudar no Centro Coreográfico de Montpellier, Maud Le Pladec dançou para coreógrafos como Georges Appaix, Loïc Touzé, Mathilde Monnier, Mette Ingvarstsen e Boris Charmatz.

Em 2010, estreou o seu primeiro espetáculo, *Professor*, a primeira parte de um díptico em torno da música de Fausto Romitelli (Prémio Revelação Coreográfica da União Francesa de Críticos de Teatro, Música e Dança). A segunda parte foi apresentada em 2012 com *Poetry*.

Em 2013, Maud Le Pladec foi laureada pelo programa *Hors les Murs* do Instituto Francês e realizou investigações em Nova Iorque sobre música pós-minimalista americana, resultando nos espetáculos *Democracy* com o TaCtuS Ensemble e *Concrete* com o ensemble de música contemporânea Ictus. Em 2015, iniciou um novo ciclo de trabalhos dando voz às mulheres ao escrever *Hunted* em coautoria com a coreógrafa e performer nova-iorquina Okwui Okpokwasili. Em 2016, trabalhou com a Ópera Nacional de Paris em *Eliogabalo*, encenada por Thomas Jolly, sob a direção musical de Leonardo García Alarcón. Paralelamente, Maud Le Pladec foi Artista Associada na La Briqueterie – CDCN du Val de Marne.

Em janeiro de 2017, sucedeu a Josef Nadj na direção do Centro Coreográfico Nacional de Orleães, onde, desde então, estreou *Borderline*,

com encenação de Guy Cassiers, *Je n'ai jamais eu envie de disparaître*, escrita por Pierre Ducrozet, o solo *Moto-Cross e Twenty-Seven Perspectives* para o Festival de Dança de Montpellier em 2018. Em 2021, apresentou *Static Shot* com o CCN – Ballet de Lorraine e *counting stars with you (musiques femmes)*, uma criação dedicada a compositoras do património musical. A sua criação seguinte, *Silent Legacy*, é um duo entre Adeline Kerry Cruz, um prodígio do *krump* com oito anos, e Audrey Merilus, bailarina contemporânea profissional.

A FOLIA

Coreografia **Marco da Silva Ferreira**

Música **Luís Pestana** inspirado na música de

Arcangelo Corelli, *Sonata para Violino em Ré Menor La Folia*, op. 5 n.º 12

Desenho de luz **Teresa Antunes**

Figurinos **Aleksandar Protic**

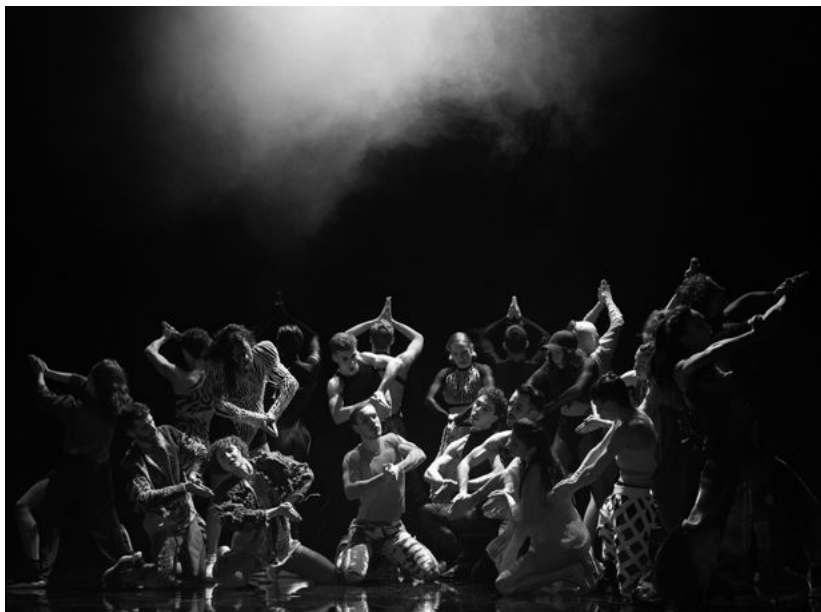
Assistência de coreografia **Catarina Miranda**

Ensaios **Valérie Ferrando**

Produção **CCN – Ballet de Lorraine**

Coprodução **Mafalda Bastos e P-ulso**

Duração aproximada: 40 min.



a Folia © Laurent Philippe

«Em *a Folia*, o português Marco da Silva Ferreira transporta uma festa pastoril de séculos passados para um clube contemporâneo. Este espaço onde os corpos ainda têm direito à decadência, ao êxtase e à loucura.»

Léa Poiré, *Mouvement*, 12 março 2024

A FOLIA

Com *a Folia*, Marco da Silva Ferreira parte de um fenómeno português do século XV para explorar os conceitos de êxtase, euforia e rebelião coletiva como motores da construção cultural, política e artística.

A *Folia*, pilar musical do Renascimento, tem as suas origens na fraternização popular, onde pastores e pastoras dançavam de forma rápida e confusa, carregando homens vestidos de mulher sobre os ombros. De origem rural, ligada a rituais de fertilidade, festividades, música e dança, rapidamente passou também a marcar as festas da corte.

O termo *Folia* nasceu, em português, da associação com a palavra *fole* — objeto utilizado para atizar o fogo. Está também intimamente ligado à palavra *fôlego* — que significa «tomar fôlego» — e *folga* — um dia de descanso ou lazer. O *folião/foliona* — a pessoa feliz, liberta do trabalho — permite-se encher a cabeça e os pulmões de ar fresco e comportar-se com *follie*.

É a partir desta teia de referências históricas, múltiplos significados e metáforas que este fenómeno adquiriu relevância no passado. Com alguma provocação, dir-se-ia que este ímpeto também encontraria sentido no presente.

Com base neste contexto histórico, o coreógrafo organiza então um encontro ficcional entre a festividade portuguesa de outrora e as danças contemporâneas.

Marco da Silva Ferreira

Marco da Silva Ferreira nasceu em 1986, em Santa Maria da Feira, e licenciou-se em Fisioterapia pelo Instituto Piaget, em Gaia (2010), carreira que nunca exerceu, mas que direcionou os seus estudos para as Ciências da Saúde. A sua prática corporal começou em 1996 através do desporto, mais especificamente na natação de alta competição. Em 2002, abandonou a modalidade para dar lugar às práticas corporais nas artes performativas. O seu percurso foi autodidata, explorando estilos de dança que emergiam num contexto urbano, com influências afrodescendentes. Entre 2002 e 2010, os focos e léxicos da sua dança tornaram-se cada vez mais diversos e próximos das ferramentas de improvisação contemporânea e composição. Em 2010, venceu o concurso televisivo *So You Think You Can Dance – Portugal*.

Intérprete profissional desde 2008, dançou para André Mesquita, Hofesh Shechter, Sylvia Rijmer, Tiago Guedes, Victor Hugo Pontes, Paulo Ribeiro, entre outros. Os destaques na sua carreira incluem *HU(R)MANO* (2013), peça integrada na Aerowaves Priority Companies (2015), que circulou em circuito nacional e internacional até 2018. *BROTHER* (2016) consolidou um discurso autoral numa linha de reflexão sobre a dança e o seu significado na atualidade, estabelecendo ligações com as suas origens e traçando um percurso a partir do corpo contemporâneo. Estreou-se no Teatro Municipal do Porto – Rivoli e teve uma ampla

digressão nacional e internacional, integrando também a Aerowaves Priority Companies em 2018. *Bisonte* (2019) apresentou uma identidade performativa que flutua entre a artificialidade, o histerismo e a melancolia, jogando com máscaras de género, poder e fragilidade. *SIRI* (2021) foi um trabalho colaborativo com o cineasta português Jorge Jácome, inserido no *Fondation d'Entreprise Hermès – New Setting Program*. Uma peça de dança de ficção científica onde robôs de luz e humanos dançam juntos. Foi apresentado no Centro Cultural de Belém nos dias 23 e 24 de julho de 2021.

Em 2022, estreou *førm Inførmis* com a companhia sul-africana Via Katlehong, no festival Julidans; um dueto intitulado *Fantasie Minor* com o CND de Caen; e, no final do ano, *C A R C A Ç A*, integrado no Big Pulse Dance Alliance. Este último espetáculo também foi apresentado no CCB, a 27 e 28 de outubro de 2022.

Entre 2018 e 2019, Marco foi artista associado do Teatro Municipal do Porto e, entre 2019 e 2021, artista associado do Centre Chorégraphique National de Caen, na Normandia. A partir de setembro de 2023, tornou-se artista associado da Maison de la Danse, em Lyon, até setembro de 2025.

JÁ A SEGUIR / DANÇA

11 E 12 ABRIL 2025

A HORA EM QUE NÃO SABÍAMOS NADA UNS DOS OUTROS COMPANHIA OLGA RORIZ

A Companhia Olga Roriz celebra 30 anos e remonta o espetáculo *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros*, de Peter Handke, com direção de Olga Roriz, com elenco de 32 intérpretes, que fazem e fizeram parte da Companhia ao longo deste percurso.

Sexta, 20h00

Sábado, 19h00

Grande Auditório

M/16

Duração aproximada: 1h40

Coprodução **Companhia Olga Roriz, Município de Loulé, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Teatro Nacional São João e São Luiz Teatro Municipal**

Fotografia © Estelle Valente



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO



APOIO
MEDIA

